

## A fé para além da religião, a gratuidade para além da política: Rubem Alves em jogo<sup>1</sup>

*Claudio de Oliveira Ribeiro<sup>2</sup>*

As três dimensões que articulam as reflexões a seguir - religião, política e Rubem Alves - são complexas, de difícil definição e não cabem facilmente em poucas palavras. Religião é conceito moderno e ocidentalizado que não encontra ressonância em todas as culturas. Para falar sobre ela precisaríamos cobrir, por um lado, todo o aparato mais formal das expressões cúlticas, míticas, rituais, doutrinárias e institucionais, e por outro, o turbilhão de experiências numinosas, simbólicas e produtoras de sentidos e significados presentes nas mais diversas áreas da vida humana. E mais do que isso, é necessário estarmos atentos às zonas intersticiais de vários campos fronteiriços da vivência humana e aos entre-lugares das culturas, seguindo a linha do destacado pensador indo-britânico Homi Bhabha (2001), pois elas nos remetem ao caráter propositivo e inovador que as experiências de fronteiras possuem. A religião “borbulha” nos mais variados cantos da vida.

O mesmo, podemos dizer de política. Ela se expressa nas estruturas e organizações formais da vida social, mas também se faz presente nas soluções e dissoluções do cotidiano, nas margens e bordas de vivências invisibilizadas, nas formas-de-vida, hifenizadas como no dizer do renomado filósofo italiano Giorgio Agambem (2010), que demarcam comportamentos não normatizados e que se concretizam para além de dispositivos de controle. E, da mesma forma como dissemos acima, nas zonas híbridas e fronteiriças que os entre-lugares das culturas possuem, a política se desdobra, se revela, se faz e se desfaz.

Sobre Rubem Alves não é diferente! Há muitos “Rubem Alves”. Pelo destaque que este teólogo ganhou, tanto nacional como internacionalmente, pela profusão e divulgação de seus escritos em várias áreas do conhecimento, pela projeção midiática que ele teve, pela densidade, criatividade e repercussão de sua produção intelectual, Rubem Alves foi e é “amado e odiado” por muitos e por diversas formas. Eu estou nesta fronteira, de gosto e desgosto, de paixão e desconfiança. Explico.

### 1. Nem tudo são flores...

Eu dei os primeiros passos na caminhada de formação teológica bebendo de belíssimas fontes. Uma delas, e talvez a mais marcante, foram os escritos de Rubem Alves. Dele eu guardo a marca de uma teologia permanentemente crítica, visionária, como são os traços históricos da perspectiva teológica protestante e ecumênica. No início dos anos de 1980, vivendo o turbilhão de ideias e práticas inovadoras de meu tempo de estudante de teologia, senti as minhas estruturas religiosas e de vida abaladas e recriadas ao ler os textos de Rubem Alves. Com ele aprendi um novo sentido para a igreja, para a fé e para a vida, livre de amarras doutrinárias, dogmáticas e moralistas.

---

<sup>1</sup> Palestra proferida na mesa redonda sobre religião e política no dia 29 de agosto de 2019 durante o evento “Repensando o Sagrado: Rubem Alves e a Teologia da Libertação” realizado no Instituto de Ciências Humanas da UFJF.

<sup>2</sup> Professor-visitante do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora e Coordenador para mestrados profissionais da área “Ciências da Religião e Teologia” da Capes. Contato: [cdeoliveiraribeiro@gmail.com](mailto:cdeoliveiraribeiro@gmail.com).

Naquela mesma época nós havíamos lido a obra *Discussão sobre a Igreja* (1975), de Zwinglio Dias, nosso professor no curso de teologia. Com ela, ficaram marcadas as relações dialéticas movimento & instituição, eclesial & eclesiástico, comunidade sacramental & profecia, fundamentais para uma visão crítica da igreja e da experiência religiosa em geral. Tais perspectivas me acompanham até hoje e definem, em certa medida, a minha visão eclesiológica e o *princípio pluralista*, com o qual tenho trabalhado. Zwinglio Dias nos apresentara na formação teológica as obras de Rubem Alves. A sequência de *Protestantismo e repressão* (1979), *Dogmatismo e tolerância*(1982a) e *Variações sobre a vida e a morte*(1982b), todos de Rubem Alves, marcou decisivamente o meu pensamento e as minhas formas de agir, tanto pessoal quanto pastoral e teologicamente.

O início dos anos 80 havia evidenciado uma nova fase do pensamento e da produção teológica de Rubem Alves. A percepção e a sensibilidade deste teólogo no tocante ao quadro de florescimento e afloramento das subjetividades humanas que se realçavam em diversas partes do mundo facilitaram a criação de uma nova linguagem teológica. Com ela, o autor deu vazão à novos poderes interpretativos, em geral críticos aos racionalismos e aos pragmatismos políticos que marcavam o contexto teológico da época. Ele valorizou as narrativas, as reticências, os vazios, a incompletude e a teopoética.

Rubem Alves subverteu as produções teológicas mais formais. Não perdeu a densidade das mediações hermenêuticas tanto da história do pensamento cristão quanto da Bíblia. Nem tão pouco perdeu de vista as mediações filosóficas da teologia moderna. Ao contrário, em todo tempo dialoga com pais da igreja, com um leque amplo de filósofos, com textos bíblicos e com a literatura. Rubem Alves passou a convidar para os seus textos figuras como Adélia Prado, Cecília Meireles, chamando-as de teólogas. E também Fernando Pessoa, T. S. Eliot, Thiago de Mello, novos/velhos teólogos. Todos ao lado de Isaías, de Paulo, de Mateus. Provocação, é claro! Mas, profunda e necessária para descobrirmos a sacralidade da poesia, dos contos, dos romances e da vida em geral, como “os pés de rosmaninho” que cruzam nossos caminhos. Rubem Alves deu uma significativa contribuição ao processo de renovação metodológica da reflexão teológica ao dar vazão à teologia narrativa e à teopoética, caminhos valiosos para se buscar novos rumos na vida. E isto serve para a “religião” e para a “política” em todas as suas complexidades e ambiguidades.

E o meu des-gosto? Não é de bom “tom”, falar mal de alguém que está sendo lembrado centralmente neste conjunto de reflexões ... Não estou seguro, se deveria fazê-lo. No entanto, os muitos “Rubem Alves”, apagarão essa imagem, que talvez possa ser nada mais nada menos do que recalques de minha parte.

Eu comecei a ficar pouco à vontade com o pensamento de Rubem Alves quando li a estória do galo que cantava para o dia amanhecer. Todos os dias o galo cantava e o sol nascia e isso o fazia crer que o sol dependia dele para nascer. Até que um dia o galo perdeu a hora, acordou mais tarde e quando viu o sol brilhando, sem necessitar do seu canto, ficou profundamente decepcionado e arrasado. Rubem Alves escreveu essa história para questionar as formas de absolutismo e de crenças equivocadas na força humana e nos esforços políticos em detrimento da graça. Eu considero que tal compreensão é fundamental para a vida e para a teologia. No entanto, ao ouvir por mais de uma vez do próprio Rubem Alves, e em tom debochado e desqualificante, como ele entendia os esforços políticos dos teólogos da libertação e os associava ao galo da história, eu... não gostei. Para mim, era deixar que caísse por terra a noção de “graça custosa” do teólogo protestante, vítima da crueldade do Nazismo, Dietrich Bonhoeffer. Era desconsiderar o testemunho de muita gente querida que com despojamentos, entregas, doações, suor e lágrimas estava construindo novos caminhos para o país.

E eu não estive só. A estória do galo compôs o prefácio “Sobre deuses e caquis” da versão brasileira de sua tese *Toward a Theology of Liberation* (1968), chamada *Da Esperança*

(1987), escrito vinte anos depois pelo próprio Rubem Alves. Em uma publicação do ISER sobre este prefácio, com várias análises “celebrativas”, foi bom ouvir as palavras de Luiz Roberto Alves, destacado intelectual e atuante em proposições do Partido dos Trabalhadores (PT) na área da cultura. O título de seu texto é dilacerante: “Faço o papel do que não gosta”. Nele encontramos uma crítica contundente à Rubem Alves:

Respeito profundamente o autor. Sou seu leitor e amigo (...). Agora, a projeção sobre 20 anos atrás produziu o virtuosismo linguístico e não mais do que isso. Muitos de nós foram presos e exilados. Nossos corpos foram mediadores da necessária criação. Mas, aqui parece que o corpo do autor foi um fim. À distância, idealizado pela memória, se apresenta como mercadoria, capitalizada como mandam os novos figurinos. Prefiro as memórias que se arriscam a tentar a abrangência dos significados dos tempos da repressão [cujos muitos corpos não se afunilaram em um só] do que esse virtuosismo arrebatador da historicidade (Luiz Roberto ALVES, 1988, p. 65).

Eu continuei ‘devorando’ os livros de Rubem Alves, adequando-os à minha prática pastoral e acadêmica e incorporando suas visões às minhas, degustando-as e fazendo-as ressoar em meu universo interior com muita satisfação e entusiasmo e, por vezes, com certo medo. Usei suas histórias infantis com grupos diversos, inclusive de adultos que ansiavam por liberdade. Dei cursos baseados em textos dele. Tive a oportunidade de participar de vários encontros onde ele estava presente. Não deixei de admirá-lo.

Rubem Alves faleceu em 2014. Portanto, vamos deixá-lo “em paz”. Se for para importunar o seu merecido descanso, que o acordemos para nos dizer coisas boas e que iluminem nossos caminhos hoje. Vejamos dois aspectos que parecem oportunos nos tempos sombrios da religião e da política de hoje: a política no contexto de inoperosidade, magia e festividade, e a tensão criativa entre teologia e corporeidade.

## 2. A política no contexto de inoperosidade, magia e festa

Tem sido crescente o número de análises sobre a obra de Rubem Alves. De minha parte, tenho procurado realçar o pensamento dele por intermédio de uma aproximação com a noção de inoperosidade formulada por Giorgio Agamben. Em linhas gerais, este autor italiano realça o valor da poesia, do jogo e do lúdico como redimensionamento da linguagem. Ele questiona os processos reducionistas que esvaziam a *poiesis* em função da *práxis*. Daí o nexo entre esse autor e Rubem Alves. Agamben opõe, por exemplo, arte interessada e arte desinteressada, sendo essa de potencial criativo e autenticamente artístico. Tal oposição não ocorre de forma dualística, pois todo o empreendimento filosófico do autor é de fugir das formulações binárias, mas de introduzir as visões sobre a arte em uma atmosfera de ambivalência e tensão criativa.

No tocante à política, Agamben traça o caminho da negatividade, do “não fazer”, da inoperosidade criativa, de se pensar o fazer político fora da esfera do Estado e do poder soberano que nele está amalgamado. Para ele, as estruturas da modernidade romperam a lógica da soberania divina que controlava os corpos, mas o Estado assumiu as normativas em torno da decisão sobre a vida dos indivíduos. Nesse sentido, o Estado moderno se estrutura a partir de conceitos teológicos secularizados. A soberania, por ser a prerrogativa de se decidir sobre a suspensão do ordenamento jurídico, passa a ser incorporada no Estado. Este, por sua vez, embora identificado como de direito, constitui-se como de exceção. Ele reforça os segredos ou os princípios do poder, mantendo as antigas formas de exceção soberana.

Colocando a vida biológica no centro de seus cálculos, o Estado moderno não faz mais, portanto, do que reconduzir à luz o vínculo secreto que une o poder

e a vida nua, reatando assim [segundo uma tenaz correspondência entre moderno e arcaico que nos é dado verificar nos âmbitos mais diversos] com o mais imemorial dos *arcana imperii* (AGAMBEN, 2010, p. 14).

A potência, na inoperosidade dos atos, não está desativada. Ao contrário, a inoperosidade coincide com o “contemplar”, o “fazer a festa”, o tempo não-linear-festivo, o preferir-não-fazere, com isso, se dá a libertação dos corpos de seus movimentos utilitários e repressivos e um desvelamento de novos usos para as obras humanas, para além de dispositivos de controle. Trata-se de uma “potência destituínte”, ao mesmo tempo natural e política, fruto da contemplação na qual “a obra é desativada e se torna inoperante, sendo assim restituída à possibilidade, aberta a um novo uso possível” (AGAMBEN, 2017, p. 277).

Agamben, com a noção de inoperosidade, que desativa e desvela novos usos das obras humanas, e com a concepção de potência destituínte, que permite desativar e impedir o poder constituído rompendo a sua dialética com o poder constituínte e com formas de racionalismo que não valorizam a corporeidade, a imaginação e as artes, mostra “o outro lado da moeda” da vida, desnudada e transparente.

O lúdico, a *poesis*, o riso, a ironia, o choro, as intuições, a capacidade de imaginação, a admiração extática das artes, o olhar contemplativo, os arrepios do corpo, ambientados nas noções agambenianas de inoperosidade e de potência destituínte, formam um amálgama que desativa poderes constituídos e relativiza formas de alternância do poder que perpetuam visões coloniais.

A proximidade entre potência destituínte e aquilo que, durante essa pesquisa, nós chamamos “inoperosidade” se mostra aqui com toda clareza. Nos dois casos, o que está em questão é a capacidade de desativar e de tornar inoperante alguma coisa – um poder, uma função, uma operação humana – sem simplesmente a destruir, mas liberando as potencialidades que estavam inativas para proporcionar um uso diferente (AGAMBEN, 2017, p. 305).

O lúdico faz deslumbrar o novo, aquilo “que vem”, o sonhado. O futuro antecipado pela compreensão utópica cria, com a dimensão lúdica, outro tipo de relacionamento com a realidade. O lúdico é uma forma de contestação e de desestabilização do presente, e sinaliza a infinitude e a misericórdia na subversão do real.

E a magia, tão temida pelas lógicas racionalistas, burocráticas e institucionalistas, brota de onde menos se espera. Nas experiências intersticiais da vida, nos momentos de dor e de prazer, nas fronteiras entre frustrações e realizações, ali ela está, como potência destituínte, como convite para o riso, o choro, a dança e o gozo extático. Para Rubem Alves, o ser humano...

... pratica a magia porque dentro de si possui uma intenção mágica: a de que as coisas como são têm de ser dissolvidas, de um mundo novo, expressivo do amor, deve ocupar o seu lugar. Sem a intenção mágica a cultura não teria sido criada. Pois esta nasce enquanto uma recusa humana em aceitar o mundo como ele é, e também como uma expressão de sonho utópico de se criar uma *ordo amoris* (ALVES, 1986, p. 91).

Inoperosidade e magia são irmãs. Elas negam o transcurso das realidades. Elas residem para além das janelas escapistas, conformistas e alienantes das ilusões, e se colocam nas ruas da potencialidade do novo, do inesperado, do “que virá”.

A magia, de acordo com Rubem Alves, representa um ato criativo – que fora abortado pelo poder dominante. Ela é em certo nível a expressão profética de um corpo que já não aguenta mais, a manifestação de um corpo que deseja ultrapassar a ordem vigente das coisas, sem conseguir, mas que apesar disso ainda resiste. É possível afirmar que a magia – que opera no núcleo constitutivo de

qualquer imaginação religiosa — é uma das performances possíveis para um corpo rebelde (CATENACI, 2018, p. 122).

Rubem Alves ensaiou sua crítica ao racionalismo e ao pragmatismo presentes na teologia quando deu mais valor à teologia narrativa e à teopoética. Com *Variações sobre a Vida e a Morte: a teologia e sua fala* (1982b), por exemplo, ele nos descortinou outras possibilidades de caminhos teológicos. Eles podem nos levar à outras compreensões tanto da religião quanto da política.

Com *Varições...* Rubem Alves revela outra etapa de seu pensamento. Nesta virada para os anos de 1980 há, como já referido, uma mudança significativa no pensamento do autor. A busca de uma nova linguagem teológica que pudesse responder mais adequadamente às demandas que surgiam com a emergência das subjetividades humanas que se afloravam no mundo foi algo à que o teólogo se dedicou.

Com a narrativa associada ao famoso “jogo das contas de vidro”, da obra de Hermann Hesse, Rubem Alves realça o caráter lúdico da teologia. Ela, como brinquedo, transfigura o mundo, nos faz pensar livremente, nos desnuda dos velhos preceitos e dogmas e nos fazer ver e recriar a vida em sua multiplicidade de situações... Em especial, nos faz encontrarmos conosco mesmos, com o corpo que somos.

Porque a conta de vidro temática é o corpo humano, meu corpo, corpo de todos os homens, corpo de jovens e de velhos, corpos torturados e corpos felizes, corpos mortos e corpos ressuscitados, corpos que matam e corpos abraçados em amor. E a congregação de teólogos e assistentes repete, em uníssono: “Creio na ressurreição do corpo” (1982b, p. 31).

○ autor propõe um desnudamento da teologia. Ele afirma que a nossa jornada é

nada mais do que brincar com símbolos, fazendo improvisações em torno de temas dados. Parecemos voar? Apenas saltos, pois nossos pés só deixam o chão por curtos e fugazes momentos. E a teologia se desnudaria como coisa humana que qualquer um poderia fazer, se sentisse o fascínio dos símbolos, o amor pelo tema, e tivesse a imaginação sem a qual os pés não se despregam da terra (...) E o teólogo se redescobriria, não mais vestido com as cores fulgurantes dos que estão em cima, mas na tranquila nudez daqueles que, como os demais, andam pelos caminhos comuns da existência. (1982b, p. 29).

Imaginação, criatividade, aventura. Coisas da fé, para além dos limites religiosos que nos prendem e das certezas que não nos deixam arriscar.

Aí a imaginação emigra da realidade, aliena-se, torna-se estranha ao mundo, recusa o veredito dos fatos, e começa a explorar possibilidades ausentes, a montar fantasias sobre o jardim que poderia existir, se o amor e o trabalho transformassem a realidade. A imaginação voa e o corpo cria.

A imaginação são as asas do corpo.

○ corpo, a força da imaginação.

○ *desejo* e o *poder* se interpenetram para dar à luz a *esperança* (1982b, p. 45).

Rubem Alves em muito nos faz pensar. Ele nos dissera que a fé é maior do que nossa existência; como dádiva e presente, ela se chega a nós. Duas décadas depois, em *Lições de feitiçaria: meditações sobre a poesia* (2003), ele realça que...

“Antes que todas as coisas existissem

havia o silêncio.

E então, repentinamente,

*ex nihilo*  
uma Palavra foi ouvida,  
e o mundo começou...”  
No vazio, versos,  
universos,  
(...) e eles falaram –  
como poetas,  
como mágicos,  
como amantes,  
como teólogos,  
porque teologia é a Palavra falada diante do vazio,  
como uma invocação do Ausente...[p. 55]

Para Rubem Alves, outro aspecto eclesial e comunitário por demais agradável são as festas. Quanto mais festa, mais senso de comunidade, mais trabalho partilhado, mais alegria e comunhão, mesmo em meio à dor. Desde já há algum tempo teólogos como Harvey Cox, que marcou o pensamento de Rubem Alves, com o seu destacado livro *A Festa dos Foliões: um ensaio teológico sobre festividade e fantasia* (1974), têm-nos oferecido essa contribuição. Da mesma forma, a teóloga Elza Tamez, com sua produção teórica e poética, nos ajuda a compreensão a experiência divina da festa:

Quando sentimos que baixamos o céu a terra, a experiência torna-se sagrada. A experiência humana e divina se funde. Não existem fronteiras para distinguir o divino do humano. A experiência divina se faz humana e a humana, divina. Isso ocorre nas festas boas. Não existe diferença, porque Deus se faz presente no partir e compartilhar todo o pão. (TAMEZ, 2007, p. 143).

E autora prossegue...

escrever desta forma não é arriscado? Será que não estamos dando as costas aos grandes desafios da América Latina e do Caribe? A festa, o cruzamento das fronteiras corporais e sensuais, vitais e espirituais podem deixar transparecer que não há espaço para os acontecimentos cotidianos da miséria, do desemprego, da violência e da indiferença. Não é assim. (...). A vida se vive plenamente, tanto nos momentos de dor quanto nos momentos de festa. E no meio dos sofrimentos que se afirma a vida em sua plenitude, e é festejando que se afirma a esperança naqueles tempos em que as lágrimas deixarão de derramar-se. Neste tempo presente, o da festa, nós podemos olhar para trás, resgatar a memória, recuperando as experiências de resgate da vida, de libertação é a *anamesis*. Também caminhamos para frente com a nossa memória e nos alegramos antecipadamente com a vida eterna que um dia virá: é a *prolepsis* (TAMEZ, 2007, p. 147).

Nesta linha de criação, e na companhia de Rubem Alves, temos afirmado que as manifestações da cultura não podem ser reduzidas pelo olhar ortodoxo das ciências ou da pastoral. Isso já ocorreu com os modelos de organização popular no Brasil e redundou em sérios danos tanto à prática política dos grupos orientados pelos referenciais de esquerda, como à produção teológica e à pastoral popular no Brasil.

As festas, a ruptura irônica e criativa com os padrões sociais, as celebrações, o prazer, as devoções, o cotidiano – sofrido e alegre – revelam o papel da dimensão lúdica na existência humana. E tal é a novidade (Evangelho) – sem a necessidade de instrumentalização –, que surgem daí reforço de identidade, socialização e um refazer da vida com novas utopias e dignidade.

E a racionalidade organizativa e política da teologia passa a ter a ‘face rubra com leve vergonha’... Objetividade, neutralidade, análises. Tudo muito bom. Mas... em *Variações...* Rubem Alves diz um rotundo “não”.

Não. Não existe um mundo neutro. O mundo é uma extensão do corpo. É vida: ar, alimento, amor, sexo, brinquedo, prazer, praia, céu azul, auroras, crepúsculos, dor, mutilação, impotências, velhice, solidão, morte, lágrimas, silêncios. Não somos seres do conhecimento neutro, como queria Descartes. Somos seres do amor e do desejo. E é por isso que a minha experiência da vida é essencialmente emoção (1982b, p. 39).

Por esse e outros motivos as comunidades de vida precisam cada vez ter mais e melhores momentos de celebração e de devocionalidade lúdica. Não se trata de demagogia religiosa ou de se fazer uma conciliação apelativa. O que a experiência tem mostrado é que tudo isso é muito bom (seguindo a trilha bíblica da liberdade, é claro!) e desperta as coisas boas que estão adormecidas dentro das pessoas. Ou como Rubem Alves indicou em *Dogmatismo e tolerância* ao afirmar que a fé ajuda a “exorcizar o medo e construir diques contra o caos” (1982a, p. 24). E o que é a nossa vida? E o que é a vida de milhões de humilhados?

A individualidade (sofrida) ganha uma dimensão prazerosa (e comunitária). A alegria traz segurança. Quem experimenta recortes de felicidade pode olhar mais para a sua vida; encarar um pouco mais a realidade.

E o futuro? Ah... o caráter salvífico é de outra ordem!

No mesmo ano, seguindo a publicação de *Variações...*, como já dissemos, Rubem Alves intensificou a sua teopoética, em especial com *Creio na ressurreição do corpo* (1982c), livro com meditações publicado pelo CEDI, que marcou uma geração de pessoas e grupos ecumênicos. Nele encontramos ‘pérolas’ escatológicas como esta:

Salvação! Nossos corpos totalmente livres.

Livres de tudo o que faz sofrer.

Livres das correntes, do medo. Os olhos não mais perfurarão, e nenhum irmão terá de esconder, do seu irmão, nem a nudez da sua alma e nem a nudez do seu corpo. Livres para a verdade, livres para a beleza, livres para o amor. Insólita política porque nossos corpos não mais reagirão nem ao olho mau, nem ao gesto mau, nem à palavra má. Possuídos pelo futuro trataremos de fazer viver, no presente, aquilo que nos foi dado, em esperança. E esta comunidade de visionários, de exilados, de peregrinos, de árvores desenraizadas, servirá ao mundo, na própria vida, em sacramentos do Reino de Deus que se aproxima (1982c, p. 71).

O corpo, o prazer, o lúdico... memórias vivas de Rubem Alves para nos ajudar a repensar a religião e a política.

### 3. Teologia e corporeidade

As dimensões concretas da existência, tanto as de caráter sociais quanto individuais, o que envolve as questões políticas, ecológicas, econômicas e, também, aquelas ligadas à subjetividade como a sexualidade, os valores, a afetividade, por exemplo, na grande maioria das vezes estão divorciadas das reflexões teológicas. As experiências concretas e prementes das pessoas relacionadas à vida e à morte, ligadas a sobrevivência, violência, sexualidade, pobreza e a tantos outros dramas profundos da existência e da corporeidade humana têm sido quase sempre negligenciados pela reflexão teológica.

Ao contrário dessa visão reducionista, Rubem Alves (1982b, p. 88), em sua teopoética, por exemplo, realçou a corporeidade e a tornou privilegiada nesta arte.

Ao corpo, entretanto, interessa a sapiência,  
conhecimento que tem bom gosto,  
porque o corpo avalia com o amor e o prazer,  
e não com a inteligência desencarnada.  
É aqui que mora o teólogo,  
no lugar onde a palavra é corpo, poder, entidade do mundo material,  
chave que abre e fecha, agulha que costura as partes do mundo.

A experiência da reflexão e da formação teológica em nossas terras, quase sempre não foi estabelecida a partir dos aspectos concretos da vida. Poderíamos dizer com certa precisão que a dimensão corpórea está totalmente fora dos processos de formação teológica. O mesmo podemos dizer em relação à reflexão teológica, com raríssimas exceções. Debatem-se doutrinas e conceitos, mas o corpo, em sua existência integral e concreta, em sua mediação com a natureza, a sociedade e os outros corpos, via de regra, é desprezado pela produção e pela reflexão teológica. A supremacia da dimensão conceitual em detrimento da concretude da vida é marca, a meu ver, bastante negativa dos processos de reflexão e de educação teológica. Apesar dos esforços que buscam superar tais equívocos, considero que ainda não tenha sido encontrada uma metodologia capaz de articular a dimensão corpórea da vida, com seus sabores e dissabores, com o conjunto da reflexão teológica.

Rubem Alves, ao contrário, já nos lembrara, com o veio poético que lhe é peculiar, que:

Teologia é um jeito de falar sobre o corpo.  
O corpo dos sacrificados.  
São corpos que pronunciam o nome sagrado:  
Deus...  
A teologia é um poema do corpo,  
o corpo orando,  
o corpo dizendo as suas esperanças,  
falando sobre o seu medo de morrer,  
sua ânsia de imortalidade,  
apontando para utopias,  
espadas transformadas em arados,  
lanças fundidas em podadeiras...  
Por meio desta fala,  
Os corpos se dão as mãos,  
se fundem num abraço de amor,  
e se sustentam para resistir e para caminhar.  
(1982b, p. 9)

Se é fato que nas últimas décadas houve avanços consideráveis no que se refere às questões dos direitos das mulheres e dos grupos que vivenciam sexualidades alternativas, o enfrentamento das questões de gênero e sexualidade tem revelado que, não obstante aos processos de empoderamento e mudanças sociais e culturais, há na atualidade relações de poder, na qual estão sedimentadas fortes assimetrias de gênero, que se sustentam como fatores ideológicos justificadores de desigualdades compreendidas em geral como “normalidade”. Evidências disto são as divisões sociais do trabalho, a organização social e política dentro de critérios de heteronormatividade, formas naturalizadas de hierarquização, discriminação e violência e a invisibilidade e o silenciamento de grupos e de reflexões que tematizam a corporeidade e aspectos a ela relacionados. As religiões estão diretamente envolvidas neste quadro, uma vez que simultaneamente reforçam as assimetrias de gênero

como também são palco de desconstrução da cultura de violência contra as mulheres, sendo componente de empoderamento e de promoção da dignidade delas, assim como de demais grupos subalternos (GEBARA, 2017). E, nesta perspectiva, cabe, diretamente, a provocação de Rubem Alves (1982b, p. 33):

E não me venham com o chavão de que a preocupação com o corpo é doença de pequena-burguesia. Como se os trabalhadores não tivessem corpos, e sentissem dor de dentes com os dentes de sua classe social, fizessem amor com os genitais de sua classe social e cometessem suicídio com a decisão de sua classe social. O corpo, na verdade, é a única coisa que eles possuem – e têm de alugar. Para quem está sofrendo só existe o corpo e a dor: dor imensa, dor que é prelúdio da morte, morte que tem a ver com o meu corpo, único, irrepitível, centro do universo, grávido de deuses.

Afirmamos que a experiência da reflexão e da formação teológica em nossas terras, quase sempre não foi estabelecida a partir dos aspectos concretos da vida. Mesmo os setores orientados pela Teologia da Libertação apresentaram dificuldades com o passo metodológico popularmente conhecido como “ver”, que busca o fazer teológico a partir da realidade. Poderíamos dizer com certa precisão que, no caso da dimensão corpórea, ela está totalmente fora dos processos de formação e de reflexão teológicas, com raríssimas exceções. Debatem-se doutrinas e conceitos, mas o corpo, em sua existência integral e concreta, em sua mediação com a natureza, a sociedade e os outros corpos, via de regra, é desprezado pela produção teológica. A supremacia da dimensão conceitual em detrimento da concretude da vida tem sido considerada marca bastante negativa dos processos de reflexão e de educação teológica. (GEBARA, 2010) Apesar dos esforços que buscam superar tais equívocos, ainda não está consolidada uma metodologia capaz de articular a dimensão corpórea da vida, com seus sabores e dissabores, com o conjunto da reflexão teológica. Em outras palavras, temos muito o que ouvir de Rubem Alves...

Rubem Alves advoga a importância do prazer e da alegria e a valorização da corporeidade, não somente no tocante à reflexão teológica, mas para a educação como um todo. Com a sua teologia da corporeidade, o autor nos mostra que o propósito da educação, é o de “aumentar as possibilidades de prazer e alegria” (ALVES, 2014, p. 84). Os processos educativos podem seguir nesta direção ao fazer com que o corpo, e não somente as dimensões de racionalidade, seja o ponto condutor do humano ao seu sentido maior.

Aqui reside um pluralismo antropológico, uma vez que se realça outras formas de orientação humana, que não sejam reféns da razão instrumental, pragmática e mecanicista. Da mesma forma, o pluralismo antropológico que os processos teológicos devem considerar deve ser um elemento crítico das formas religiosas enrijecidas e castradoras do prazer, tão comuns nos grupos religiosos, e criativo o suficiente para cooperar nos processos de valorização da corporeidade, da sexualidade e do prazer. Trata-se, para o autor, da ressurreição dos corpos, reconciliados com o prazer e a alegria.

E o que o corpo sabe e tem a dizer à Teologia? Rubem Alves realça que o corpo é uma unidade inteligente, “sabe sem precisar saber. O corpo é sábio. O corpo é educador por graça, de nascimento. Não precisa de aulas de pedagogia” (ALVES, 2014, p. 78).

### Palavras finais...

Seguimos os passos de Rubem Alves que afirmara em *Dogmatismo e tolerância* que:

O protestantismo tem temas esquecidos, peças empoeiradas, que ninguém mais sabe usar, mas que poderiam ser tiradas das sombras:  
A *liberdade* (foi com este tema que a Reforma se iniciou)...

A *graça* – que significa, basicamente, que o problema da salvação não é um problema com o qual os homens devam se ocupar, pois que depende exclusivamente de Deus. Livres de preocupações como a temperatura do inferno e o mobiliário dos céus, os homens poderiam dedicar-se a cuidar da terra, boa dádiva de Deus...

A *fé*, confiança – ninguém é salvo pela ortodoxia, mas pela simples confiança em Deus, de modo que os protestantes deveriam se sentir livres para as mais loucas aventuras do pensamento – o nosso jogo de contas de vidro – sabendo que heresia e ortodoxia são palavras do vocabulário dos fortes, mas não do vocabulário de Deus...

E a *teimosia profética*, que denuncia todas as formas de opressão e absolutismo... (1982a, p. 37).

Em *Creio da Ressurreição do Corpo* (1982), “parada obrigatória” para todas as pessoas que buscavam e buscam novas linguagens e sensibilidades teológicas e o gosto pela liberdade, descobrimos que...

Fomos acariciados pelo Futuro...

E tudo mudou.

Porque, da mesma forma como a mulher que se descobre grávida, passa a viver para encarnar, por antecipação, o filho que vai nascer, a Igreja é a comunidade em que o futuro assume forma, primeiros frutos, aperitivos, carícia, do futuro do Reino... (1982,c, p. 70).

As experiências mais desafiadoras que eu vivi na vida me mostraram que dentro de uma série de aspectos que marcam a vivência humana está a incessante busca de superar limites, de ir além das contingências e das ambiguidades históricas, de procurar por absolutos que possam redimensionar a relatividade e a precariedade da vida. A luz de Rubem Alves neste caminho foi kairótica e crucial. Como sabemos, as experiências religiosas, historicamente, pretenderam e pretendem apontar caminhos para essa busca. Na diversidade delas confluem elementos os mais diversos, desde os preponderantemente numinosos, “santos”, espontâneos e indicadores de uma transcendência até aqueles marcadamente ideológicos, facilmente identificados como reprodução de filosofias ou culturas e artificialmente criados e que escondem a fragilidade e a ambiguidade humanas. Nos caminhos áridos marcados por sofrimentos incomensuráveis, essa última visão pouco ou em nada nos ajuda. É preciso fé.

Como o trapezista que tem de se lançar sobre o abismo, abandonando todos os pontos de apoio, a alma religiosa tem de ser lançada também sobre o abismo, na direção das evidências do sentimento, da voz do amor, das sugestões de esperança. Nos caminhos de Pascal e Kierkegaard, trata-se de uma aposta apaixonada. E o que é lançado sobre a mesa das incertezas e das esperanças é a vida inteira (ALVES, 1996, p. 101).

No transcorrer das décadas, em especial pelas experiências vividas no acompanhamento das situações-limite das pessoas, e também pelas bases teóricas que foram sendo assimiladas e assumidas criticamente, como se espera dos processos teológicos, a busca do sentido mais global da vida norteava o meu pensamento teológico que foi e está sendo formado.

É preciso lembrar as palavras de Rubem Alves, em *Variações sobre a Vida e a Morte*.

A teologia fala sobre o sentido da vida.

Afirmção que pode ser invertida: sempre que os homens estiverem falando sobre o sentido da vida, ainda que para isso não usem aquelas contas de vidro que trazem as cores tradicionais do sagrado, estarão construindo teologias: mundos de amor, em que faz sentido viver e morrer.

E quem não será então que, de vez em quando, provavelmente no silêncio das insônias ou naqueles momentos em que a vida de um ente querido se dependura sobre o abismo, que não será, que não terá sido, meio teólogo, invocador de coisas divinas, mágico?... (1982b, p. 194)

O meu itinerário teológico, na esteira das ideias ‘perigosas’ de Rubem Alves, tem sido em viver e refletir mais sobre a fé, sempre em interação com a vida, deixando a religião em outro plano, se é que podemos fazer tal distinção. O mesmo, podemos dizer da gratuidade, como a “força estranha no ar”, como diz a canção popular, que desfaz e refaz a política.

Esse olhar sobre a vida remonta as perspectivas evangélicas como, por exemplo, a que diz ser a vontade (= Reino) de Deus “semelhante a um grão de mostarda que um homem plantou na sua horta; e cresceu e fez-se árvore; e as aves do céu aninharam-se nos seus ramos” (Lucas 13.19). Ou a ideia daquele homem que descobriu um terreno com pedras preciosas, vendeu tudo o que tinha e o comprou. É a ideia de uma aposta existencial da radicalidade pela vida, de relativização de projetos políticos ou mesmo das coisas secundárias e menores que muitas vezes marcam o nosso dia a dia, a dinâmica de nosso trabalho e os nossos relacionamentos.

Com todas as ambiguidades e contradições que a vida nos impõe, tenho procurado seguir esses rastros teológicos. Tal feito tem sido na companhia de muitas e variadas pessoas e letras, pouco letradas e pensadores renomados, gente simples e grupos seletos, narrativas e conceitos, testemunhos e análises. Rubem Alves, sempre presente. A busca do *princípio pluralista*, como tenho me dedicado, precisa ser de vários caminhos.

A espiritualidade que vi (ou senti) nas páginas de Rubem Alves procura expressar, por excelência, o pluralismo, a liberdade, a leveza. Ou não? É tentar responder à pergunta de que este autor nos fez e que está perdida entre as páginas de *Creio na ressurreição do corpo*: “O que é mais importante, o que as pessoas pensam ou o que elas amam?” (1982c, p. 37).

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: O poder soberano e a vida nua*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

\_\_\_\_\_. *Homo Sacer IV, 2. O uso dos corpos*. São Paulo: Boitempo, 2017.

ALVES, Luiz Roberto. “Faço o papel do que não gosta” (p. 65-66). In: VV.AA. “Sobre Deuses e Caquis: teologia, política e poesia em Rubem Alves”. *Comunicações do ISER*, 7(32), 1988.

ALVES, Rubem. *Da Esperança*. Campinas: Papyrus, 1987.

\_\_\_\_\_. *Protestantismo e repressão*. Rio de São Paulo: Ática, 1979.

\_\_\_\_\_. *Dogmatismo e tolerância*. São Paulo: Paulinas, 1982a.

\_\_\_\_\_. *Variações sobre a vida e a morte: a teologia e sua fala*. São Paulo: Paulinas, 1982b.

\_\_\_\_\_. *Creio na ressurreição do corpo*. meditações. Rio de Janeiro: CEDI, 1982c.

\_\_\_\_\_. *O que é religião*. São Paulo: Ars Poetica, 1996 [1981].

\_\_\_\_\_. *A gestação do futuro*. São Paulo: Papyrus, 1986.

\_\_\_\_\_. *Lições de feitiçaria: meditações sobre a poesia*. São Paulo: Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_. *Variações sobre o prazer*, 2. ed. São Paulo: Planeta, 2014.

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

CATENACI, Giovanni. “Rubem Alves: um contemporâneo” (p. 101-123). In: RIBEIRO, Claudio de Oliveira (org.). *Teologia Protestante Latino-Americana: um debate ecumênico*. São Paulo: Terceira Via, 2018.

COX, Harvey. *A Festa dos Foliões: um ensaio teológico sobre festividade e fantasia*. Petrópolis: Vozes, 1974.

DIAS, Zwinglio. *Discussão sobre a Igreja*. Petrópolis: Vozes & Tempo e Presença, 1975.

GEBARA, Ivone. *Vulnerabilidade, Justiça e Feminismos*. São Bernardo do Campo: Nhaduti Editora, 2010.

\_\_\_\_\_. *Mulheres, religião e poder: ensaios feministas*. São Paulo: Terceira Via, 2017.

TAMEZ, Elza. “Teologia e festa” (p. 141-149). In: ALMEIDA, Edson Fernando & LONGUINI NETO, Luiz. *Teologia para quê?* Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.